



## PERCEPÇÕES DO TEMPO E MEMÓRIA DE UM FRANCO- ARGELINO: ESTUDO DO ROMANCE LE PREMIER HOMME (1994), DE ALBERT CAMUS

Jéssica Teixeira Magalhães\*

### Resumo

No fim da década de cinquenta, quando eclodiu o conflito de independência na Argélia e grande parte dos intelectuais franceses apoiavam a causa nacionalista, Albert Camus encontrava-se em posição marginal no cenário francês e escrevia o manuscrito do que viria a ser o romance *Le Premier Homme*. A narrativa traça a trajetória de um franco-argelino em busca de rastros sobre seu pai morto na Primeira Guerra Mundial enquanto lutava pela França. O texto que viria a ser publicado em 1994 por sua filha Catherine Camus rememora a história da Argélia colonial e dos franceses que ali chegaram ao final do século XIX, a partir da memória de uma comunidade que vive na pobreza e no anonimato. O presente artigo analisa brevemente o romance tendo em vista as diferentes percepções do tempo na compreensão histórica, a relação entre histórica e ficção, e a importância da memória como fonte e como construtora de identidade.

**Palavras-chave:** Memória; Ficção; Albert Camus.

\* Graduada em Letras Português-Francês,  
Mestranda em Estudos Literários Neolatinos – Literaturas  
de Língua Francesa  
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
je\_tmagalhaes@yahoo.com.br

## Introdução

O romance *Le Premier Homme* foi publicado em 1994, mas trata-se de um texto ao qual Camus se dedicava no final de sua vida e que não pode ser concluído devido à sua morte acidental em 1960. O contexto de escrita do manuscrito envolve a guerra de independência argelina ou revolução argelina, como preferiam chamar os nacionalistas, que eclodiu em 1954. Nesta época, Camus já estava envolvido em uma discussão travada com alguns intelectuais franceses de esquerda, dentre eles Jean-Paul Sartre, iniciada com a crítica do escritor argelino a regimes totalitaristas e sua maneira de compreender a arte publicada no ensaio *L'homme révolté* (1951). A polêmica ainda acentuou-se após a recusa de Camus em apoiar a causa argelina nacionalista, como o fizeram grande parte dos intelectuais de sua época. O escritor manteve-se no silêncio e afastou-se dos debates em curso entre escritores e demais personalidades públicas.

Neste panorama, ao escrever uma narrativa que aborda questões históricas sobre a colonização na Argélia, o relacionamento estabelecido entre franceses, árabes e berberes e a pobreza vivida pelos colonos fugidos da Europa, Camus dialoga com seu tempo. Através da ficção, o escritor procura dar uma resposta ao conflito de independência evocando a memória coletiva da colonização e a pessoal da vida cotidiana em uma comunidade formada por uma mistura de povos. É verdade que Camus ousou propor uma solução política federalista e democrática defendendo a paz entre os dois povos e em 1956 fez o apelo por uma trégua civil (PONCET, 2013: 356), porém o acordo era impraticável naquele contexto. A impossibilidade de um recurso político que culminasse em uma resolução para o conflito não distanciou o escritor da questão; o manuscrito de *Le Premier Homme* publicado apenas 34 anos depois, parece justificar seu posicionamento.

Existe em torno de tal romance longa discussão sobre seu caráter autobiográfico, visto que a personagem possui características muito semelhantes às do próprio autor: argelino, residente da França, órfão de pai, nascido em uma família pobre, descendente de franceses e espanhóis, fora estudante do liceu graças à intercessão do professor junto à sua família, dentre outras. Porém, Camus nomeou sua obra como “romance” e não sem razão, já que inúmeros eventos narrados na vida da personagem não seguem qualquer ordem cronológica semelhante à vida do escritor, possibilitando maior liberdade enunciativa, e nem se igualam aos que foram vividos por ele. Portanto, mesmo que o estudo envolva questões históricas, não se pode desconsiderar que estamos diante de um texto ficcional. Por esta razão, mostra-se relevante destacar a fronteira estabelecida entre história e ficção.

A aproximação entre o discurso histórico e o discurso ficcional pode ser realizada se considerarmos a perspectiva que entende a História também como uma construção narrativa e, portanto, para a qual a enunciação passa a ser importante. Esta se diferencia, portanto, da História como ciência, posicionada distante do campo das letras, que busca explicações para determinado fato histórico. Michel de Certeau aponta a separação dos dois campos a partir do século XVIII:

Em três séculos, a disciplina [historiografia] havia passado de um pólo para o outro; essa oscilação é já o sintoma de um status. Seria necessário indicar com precisão sua curva e analisar, em particular, a progressiva diferenciação que, no século XVIII, separou as “ciências” das “letras” [...] No entanto, a melhoria de suas técnicas e a evolução geral do saber acabam por levá-la a camuflar, cada vez mais, seus vínculos

– do ponto de vista científico, inconfessáveis – com o que, durante esse tempo, assumiu a forma de “literatura”. (DE CERTEAU, 2012:68).

A nova compreensão do fazer história ganha força no século XX quando o campo histórico teve que se posicionar diante das outras ciências sociais, principalmente da Antropologia, diferenciando-se delas e firmando sua importância. Nesse sentido, o aparecimento da Escola dos Anais, por exemplo, contribuiu para entender o trabalho do historiador como a construção de um discurso que representa um sistema de significação e que pressupõe uma legitimação no seu campo. O problema na história é, dessa maneira, (re)colocado deixando de concentrar-se apenas no objeto mas passando também para o sujeito que diz, para a enunciação, e nesse ponto aproxima-se do discurso ficcional. A tese de Raymond Aron (publicada em 1938), como aponta Paul Ricoeur, já discutia a questão da objetividade histórica quando o autor proclama a dissolução do objeto:

“[...] dans la mesure où l'historien est impliqué dans la compréhension et l'explication des événements passés, un événement absolu ne peut être attesté par le discours historique. La compréhension [...] n'est jamais une intuition directe mais une reconstruction » (RICOEUR, 1983 :175).<sup>21</sup>

Desse modo, a distância entre história e ficção se reduz ao considerarmos que ambas compartilham a função de produção de sentido daquilo que é humano através da linguagem e que ambas trabalham com a reconstrução de acontecimentos na medida em que narram.

## **O romance**

A narrativa apresenta a trajetória da personagem Jacques Cormery, um argelino descendente de francês e residente da França, ao regressar à sua terra natal em busca de traços do passado de seu pai, morto na batalha de Marne enquanto lutava pela França na Primeira Guerra Mundial. A procura de Cormery é motivada pela surpresa ao ver a idade prematura do pai no momento de sua morte quando faz uma visita ao seu túmulo que se encontra em território francês. Dessa forma, o romance mobiliza a memória de personagens com quem Jacques dialogará e a do próprio protagonista que ao retornar à sua terra rememora momentos de sua infância argelina.

O manuscrito apresenta duas partes: a primeira é dedicada especialmente a essa busca empreendida pelo protagonista – “A procura pelo pai” – na qual, as questões históricas sobre a

---

<sup>21</sup> [...] na medida que o historiador é implicado na compreensão e explicação dos acontecimentos passados, um acontecimento absoluto não pode ser atestado pelo discurso histórico. A compreensão nunca é uma intuição direta, mas uma reconstrução. [tradução nossa]

colonização são mais frequentes; a outra, nomeada “O filho ou o primeiro homem”, é iniciada quando Jacques desiste de reconstruir o passado paterno devido à falta de fontes e rastros e se assume como o primeiro homem de sua história. Nessa segunda parte, há maior espaço para memórias pessoais e para o tempo da infância e da adolescência.

Assim, pode-se considerar *Le Premier Homme* a origem de um romance, já que não pôde ser concluído, mas também a origem de uma vida: do ponto de vista histórico, visto que inaugura a narrativa daqueles que são tidos como anônimos e, do ponto de vista da personagem, que descobre a si mesma e conhece sua comunidade.

É possível identificar dois períodos que circunscrevem a obra em algum aspecto: o primeiro, no final do século XIX (a partir de 1848), início do século XX, é o intervalo que inclui a chegada dos franceses à Argélia, a Primeira Guerra Mundial, a morte do pai da personagem principal do romance, o tempo de sua infância argelina. O segundo, na década de 50, é o período em que a personagem retorna à Argélia em busca de seu pai (é também a época em que Camus escreve o livro).

Deter-nos-emos principalmente, mas não exclusivamente, na primeira parte da publicação neste artigo.

### **Duas diferentes concepções do tempo**

A personagem Jacques Cormery encontra dificuldades para conhecer o passado de seu pai devido à escassez de fontes escritas. Os testemunhos, também não muito frequentes ou promissores, são sua possibilidade de fazer alguma descoberta. Por essa razão, o capítulo sete do romance possui demasiada importância na totalidade da obra, uma vez que Cormery encontra duas pessoas que moram na antiga propriedade onde trabalhara seu pai: um fazendeiro, franco-argelino como ele, e um trabalhador árabe; além do médico que fizera seu parto e tinha sido o único, além de seus familiares, a ter contato com seu pai. O diálogo entre eles, diferente do que o leitor espera, não será enriquecedor e, pelo contrário, resultará em sua desistência na busca. Porém, nele fica evidente uma diferença de concepção do tempo entre Jacques e os outros três “autóctones”.

Jacques, apesar da origem argelina e de seu reconhecimento enquanto membro da comunidade de sua cidade natal carrega costumes e maneiras de pensar franceses que o influenciaram em sua vida adulta. A mentalidade de um país que valoriza o passado faz com que a personagem chegue à Argélia sem ter previsto os possíveis obstáculos para conhecer a história de seu pai. Cormery encontra-se dentro de uma perspectiva em que o presente é indissociável do passado e possui estreita relação com o futuro. Sua compreensão temporal está associada à imagem da linha, e à ideia de progresso, para a qual a história tende a ser cumulativa (LÉVI-

STRAUSS,1952); ou seja, as técnicas e os conhecimentos adquiridos ao longo da linha do tempo se acumulam, aumentando em direção ao futuro. Neste sentido, a história é organizada a partir de categorias como anterior/posterior, características do pensamento moderno no qual há um distanciamento do homem e da natureza e o estabelecimento de uma relação sujeito/objeto para com ela, possibilitando a análise dos processos que acontecem no ambiente. Tendo em vista tal lógica, pode-se compreender o choque temporal vivenciado por Jacques ao visitar o túmulo de seu pai na França, experiência que será sua motivação para saber mais sobre a vida paterna.

O episódio se passa no cemitério visitado pela personagem a pedido de sua mãe que jamais pudera estar diante do túmulo do marido. Ao chegar ao local, Jacques dirige-se a um funcionário: “*Le voyageur demanda le carré des morts de la guerre de 1914*”<sup>22</sup> (CAMUS, 1994, p. 27). Ele o direciona ao local e o informa que a instituição francesa responsável pela memória do país cuida da manutenção desses documentos há quarenta anos, ou seja, trata-se de uma memória conservada pelo Estado. E essa será uma das poucas referências documentais ao longo do romance. Jacques fica surpreso com o que vê; toma consciência de uma ordem que para ele soa como fora do natural:

E a onda de ternura e pena que subitamente lhe encheu o coração não era o movimento da alma que leva o filho à lembrança do pai desaparecido, mas a compaixão perturbada que o homem feito sente diante da criança injustamente assassinada – alguma coisa ali não seguia a ordem natural, e na verdade não há ordem, mas somente loucura e caos quando o filho é mais velho que o pai<sup>23</sup> (CAMUS, 1994: 26).

A relação com o pai está fora daquilo que percebe como espontâneo, já que há a ruptura da ordem esperada no momento em que o filho se reconhece mais velho do que o pai.

Além de a morte paterna prematura representar um evento fora da natureza do ponto de vista da personagem, é interessante ressaltar que o uso da palavra “ordem”, que está em completa justeza com a ideia da linha e as categorias de anterioridade/posterioridade, ocorre na negativa, visto que para Jacques a morte de um jovem inocente equivale ao caos. Na sequência do trecho acima fica evidente a perda de sentido devido à desorganização da lógica temporal: “A sequência do próprio tempo se despedaçava em torno dele, imóvel entre os túmulos que não mais enxergava, e os anos deixavam de se ordenar segundo esse fluxo que corre em direção a seu fim” (CAMUS, 1994:26).

Impulsionado a compreender essa desordem, a investigar a vida de seu pai e, em última

---

<sup>22</sup> “O viajante perguntou pela quadra os mortos da guerra de 1914”<sup>22</sup> (CAMUS, 1994)

<sup>23</sup> « La suite du temps lui-même se fracassait autour de lui immobile, entre ces tombes qu’il ne voyait plus, et les années cessaient de s’ordonner suivant ce grand fleuve qui coule vers sa fin » (CAMUS, 1994 :30).

instância, a sua, o protagonista dá início a sua procura. O encontro com as personagens empreendido no sétimo capítulo, citado anteriormente, introduz para Jacques Cormery uma nova compreensão do tempo, marcada pela ruptura e pelo recomeço. A fragilidade das questões políticas na região produz períodos: a terra pertence à determinada família até que venha a guerra, uma ordem de evacuação dos superiores, uma disputa entre povos. Em seguida, é preciso que tudo se reinicie, sem que haja traços. Dessa maneira, o presente e o futuro são valorizados em detrimento do passado, frequentemente apagado.

No trecho abaixo, o fazendeiro francês explica a saída de seus pais da fazenda. Devido aos conflitos ocasionados pelas lutas de resistência à colonização francesa, o prefeito pediu que evacuassem a região. Seu pai ficara irritado, pois perderia terras onde cultivava uva e decidiu mudar-se para Marselha. Ele, no entanto, continuara na terra da família:

– E o senhor?

– Ah, eu? Eu fico, e até o fim. Aconteça o que acontecer, vou ficar. Mandei minha família para Argel e vou morrer aqui. Ninguém compreende isso em Paris. Além de nós mesmos sabem quem são os únicos que podem compreender?

– Os árabes.

– Isso. Fomos feitos para nos entendermos. Tão estúpidos e brancos como nós, mas o mesmo tipo de homens. Ainda vamos nos matar um pouco uns aos outros, cortar testículos, torturar mais um pouquinho. E depois recomeçaremos a viver como homens. É essa terra que quer que isso seja assim<sup>24</sup> (CAMUS, 1994:162)

Ironicamente, a decisão do francês em ficar na terra da família é entendida apenas pelos árabes, segundo ele mesmo, “os únicos que seriam capazes de compreendê-lo”. O uso da ironia, enriquecedor no texto ficcional, mas excluído do texto de história, surge nesta passagem aproximando dois povos que seriam a princípio considerados inimigos, seja pelo sofrimento, seja pelo trato da violência. Além disso, absolve qualquer um deles de culpa da guerra, já que a terra é a própria culpada do conflito.

Ainda que os pais tenham partido e a situação da região tenha sofrido uma modificação com a ordem do prefeito, a fala da personagem permite entrever que sempre foi assim, ou seja, a mudança garante a manutenção de um processo ao qual estão acostumados. A culpa imputada à terra – é ela que “quer que seja assim” – pressupõe resignação na maneira pela qual os eventos se apresentam. As alterações frequentes na vida das pessoas dessa comunidade não sinalizam a superação de modelos, mas o fim ou o início de um ciclo que um dia terminará. Tem-se, nesse

---

<sup>24</sup> – Et vous?

– Oh, moi, je reste, et jusqu’au bout. Quoi qu’il arrive, je resterai. J’ai envoyé ma famille à Alger et je crèverai ici. On ne comprend pas ça à Paris. À part nous, vous savez ceux qui sont seuls à pouvoir comprendre ?

– Les Arabes.

– Tout juste. On est fait pour s’entendre. Aussi bêtes et brutes que nous, mais le même sang d’homme. On va encore un peu se tuer, se couper les couilles et se torturer un brin. Et puis on recommencera à vivre entre hommes. (CAMUS, 1994:168)

caso, uma história estacionária, pois o que prevalece é a ideia de conservação. Evidentemente, tal caracterização é feita a partir do ponto de vista de Jacques, recém-chegado da França, onde o passado possui grande importância e a história é “*mais cumulativa*” (LÉVI-STRAUSS, 1952)<sup>25</sup>.

Nesse sentido, poderíamos dizer que tal organização do tempo em ciclos diferencia-se da concepção linear de Jacques apresentada anteriormente. Essa, contrariamente, está associada a saltos e quebras. Assim, a ausência de referências temporais para narrar um acontecimento ocorrido na região faz com que se recorra às marcações espaciais (a terra, a fazenda) e pessoais (os pais, os avós, o trabalhador árabe) para falar sobre um tempo passado. E, portanto, gera a dificuldade para Jacques em conhecer e traçar a história paterna, já que ele parte de outro referencial.

A diferença entre tais percepções são fruto de constructos culturais e, portanto, seria relevante notar que Camus viveu no trecho França-Argélia, e sua obra recebeu grande influência da cultura grega, a cultura do Mediterrâneo. O escritor, inclusive, valoriza o pensamento que para ele seria fruto dessa cultura no ensaio *L'Homme Révolté* (1951) ao propor “*la pensée de midi*” como possibilidade à revolta, como o pensamento moderado. Tal conceito foi desenvolvido a partir da ideia de mediação, da valorização da admiração e contemplação da natureza em detrimento da cultura. O Mediterrâneo esteve igualmente presente nas obras de Camus através da paisagem e da valorização do corpo, dos sentidos, do mar.

Dessa forma, também a maneira de perceber o tempo como algo cíclico, e a narração da história, baseada na oralidade, podem estar relacionadas a esse mundo mediterrâneo em contraposição à visão moderna de história ligada ao território francês. Nesta, a ideia de processo histórico é relacionada à valorização da sequência temporal e não se aproxima do repertório de exemplos ou guarda da tradição, característicos da oralidade, como procurou mostrar Hanna Arendt no capítulo “O conceito de história” da obra *Entre o passado e o futuro* (ARENDR, 2005). Jacques ao sair da esfera mediterrânea insere-se em uma cultura de valorização do passado em detrimento do presente, onde o documento escrito é mais significativo do que a cultura oral, assim, o retorno mostrará à personagem as diferenças de tais concepções.

---

<sup>25</sup> Sobre a questão da classificação em história estacionária ou cumulativa, Claude Lévi-Strauss assinala a importância da relevância do ponto de vista de quem observa: “ A historicidade ou, para ser mais exato, a riqueza em acontecimentos de uma cultura ou de um processo cultural, são função, não de suas propriedades intrínsecas, mas da situação em que nos encontramos em relação a elas, do número e da diversidade de nossos interesses, que nelas empenhamos” (LÉVI-STRAUSS, 1952:345) / “[...] é preciso introduzir uma nova limitação, senão à validade, ao menos ao rigor da distinção entre história estacionária e história cumulativa. Não apenas esta distinção é relativa a nossos interesses, como já mostramos, mas ela nunca consegue ser clara. No caso das invenções técnicas, é bem certo que nenhum período, nenhuma cultura, é absolutamente estacionário. Todos os povos possuem e transformam, melhoram e esquecem técnicas suficientemente complexas para permitir-lhes dominar seu meio; sem o que já teriam desaparecido há muito tempo. Portanto, a diferença nunca é entre história cumulativa e história não-cumulativa; toda história é cumulativa com diferentes graus” (LÉVI-STRAUSS, 1952: 357).



O mediterrâneo separava em mim<sup>26</sup> dois universos, um onde as lembranças e os nomes estavam conservados em espaços medidos, o outro onde o vento de areia apagava os rastros dos homens em grandes espaços. Ele tinha tentado escapar ao anonimato, à vida pobre, ignorante, obstinada, não pudera viver no mesmo plano dessa paciência cega, sem frases, sem nenhum outro projeto além do imediato<sup>27</sup> (CAMUS, 1994:175).

Jacques experimenta certa angústia com a presença onipotente do presente, do “imediato”, já que está em busca do passado. Ele, que se sentiu impelido por um “dever de memória” por honra do pai e daqueles que morreram injustamente, depara-se com a impossibilidade de conhecer já que não há nomes nem registros. E, portanto, é preciso começar de novo, seguir o projeto do presente: Jacques é o “primeiro homem” e inicia um novo ciclo. Um início no qual está sozinho, diante da dura história de seu tempo e reconhece, enfim, que pertence mesmo à terra do esquecimento.

E sonhava com os túmulos gastos e esverdeados que acabara de deixar, aceitando com uma espécie de estranha alegria que a morte pudesse vir um dia trazê-lo de volta à sua verdadeira pátria e encobrir mais uma vez com seu imenso esquecimento a lembrança do homem monstruoso e [banal] que crescera e construíra sem ajuda e sem apoio, na pobreza, num litoral venturoso e sob a luz das primeiras manhãs do mundo, para alcançar depois, sozinho, sem memória e sem fé, o mundo dos homens de seu tempo e sua terrível e grandiosa história.<sup>28</sup> (CAMUS, 1994 : 176).

Com esse trecho finaliza-se a primeira parte do romance, com a constatação da positividade que carrega a terra natal, em sua pobreza e luz e até mesmo em seu esquecimento, já que permite o esconder das lembranças de um homem monstruoso, o próprio Jacques. No entanto, ao propor a ordem cíclica como benéfica e a pobreza como acolhedora, introduz-se uma ambiguidade à narrativa. Ao mesmo tempo em que o esquecimento e consequente ponto final permitem a renovação, o recomeço eles são a causa do drama do romance cujo centro pode ser identificado no anonimato, na falta de narrativa.

---

<sup>26</sup> O romance *Le Premier Homme* foi publicado 34 anos após a morte do escritor Albert Camus, que deixou um manuscrito incompleto. O texto apresenta algumas incoerências (mantidas na edição feita por sua filha) como o uso de pronomes de primeira pessoa apesar do narrador em terceira pessoa.

<sup>27</sup> La Méditerranée séparait en moi deux univers, l'un où dans des espaces mesurés les souvenirs et les noms étaient conservés, l'autre où le vent de sable effaçait les traces des hommes sur de grands espaces. Lui avait essayé d'échapper à l'anonymat, à la vie pauvre, ignorante obstinée, il n'avait pu vivre au niveau de cette patience aveugle, sans phrases, sans autre projet que l'immédiat (CAMUS, 1994 :181).

<sup>28</sup> (...) il songeait aux tombes usées et verdies qu'il venait de quitter, acceptant avec une sorte d'étrange joie que la mort le ramène dans sa vraie patrie et recouvre à son tour de son immense oubli le souvenir de l'homme monstrueux et [banal] qui avait grandi, édifié sans aide et sans secours, dans la pauvreté, sur un rivage heureux et sous la lumière des premiers matins du monde, pour aborder ensuite, seul, sans mémoire et sans foi, le monde des hommes de son temps et son affreuse et exaltante histoire (CAMUS, 1994 : 182).



## As fontes (ou a falta delas) e a tentativa de reconstrução da memória

O texto estudado não é um trabalho desenvolvido por um historiador nem possui qualquer pretensão historiográfica, trata-se de um romance. Porém, falamos aqui em fontes, já que a personagem Cormery inicia uma pesquisa em busca do passado paterno. O protagonista depara-se com a pouca quantidade de dados documentais sobre o seu pai e, portanto, interessa-se especialmente pelo testemunho: da família, principalmente da mãe, e das pessoas que habitam a região onde nascera, como as duas personagens mencionadas acima.

Dessa maneira, Cormery escutará narrativas de transmissão oral da região (Solferino, Mondovi) e terá acesso à reminiscência pessoal de seus familiares. Esse termo foi utilizado por Gwyn Prins (2011) para se referir às fontes orais, juntamente com a tradição oral, em artigo que problematiza a imprecisão de fontes históricas. Prins identifica a fragilidade no uso das fontes orais no trabalho de um historiador, apontando para a dificuldade delas em registrar a mudança, tema geralmente de interesse no domínio da História. Diferentemente das fontes escritas, essas não deixam rastros e não seguem a lógica da narrativa escrita. Ela está circunscrita a um território de menor extensão e depende da existência de um narrador, de uma voz que a mantenha. Porém, Prins valoriza tais fontes no estudo da continuidade, quer dizer, na manutenção de um costume, de um hábito dentro de um grupo.

Nesse sentido, a reminiscência pessoal possibilitaria a obtenção de mais detalhes para uma descrição densa de um recorte mais específico (de tempo e espaço), pois não atravessa gerações em uma sociedade. E tem um alcance menor como, por exemplo, o âmbito familiar. É estruturada por aquilo que o informante considera ser importante e, por isso, seria o tipo mais puro de registro. Prins cita o historiador social Paul Thompson pelo uso da reminiscência pessoal a fim de dar voz a quem não se expressa no registro documental.

O que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualização e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas. Torna possível as histórias de grupo em pequena escala, [...] Isso dá aos historiadores os meios para escrever o que o antropólogo Clifford Geertz chamou de ‘descrição densa’: relatos ricamente tecidos que têm profundidade e os contornos que permitem uma análise antropológica substancial” (PRINS, 2011:195).

No caso do romance *Le Premier Homme*, não se busca fazer qualquer análise antropológica, e nem utilizar as memórias dos indivíduos próximos para compreender uma problemática histórica contemporânea, mas para conhecer o passado, um passado preciso e pessoal. E, por isso, a necessidade de Cormery em ouvir aqueles que tiveram algum contato com seu pai. Ainda assim, a personagem não terá sucesso em sua busca, pois encontrará o

esquecimento e a ignorância, principalmente com relação à memória que lhe era mais cara: a de sua mãe.

- Papai?
- Ela olhava para ele e ficava atenta.
- Chamava-se Henri de quê?
- Não sei.
- Ele não tinha sobrenome?
- Acho que sim, mas não me lembro.<sup>29</sup> (CAMUS, 1994)

Mesmo que Cormery não consiga grandes informações de sua mãe, o narrador aproveita da simplicidade de suas impressões e de sua ignorância para dar informações sobre a situação do pai francês e sobre a Primeira Guerra Mundial, para a qual eram convocados os colonos, independente de sua origem.

Se a falta de fontes representa um problema para o historiador, ela não é um empecilho no domínio da ficção, visto que não há pretensão em opor-se ao falso. E, talvez, a Literatura seja um campo de exploração dessas fontes “esquecidas”, avaliadas como imprecisas ou sem valor. Assim, o campo da ficção seria o modo criativo de revelar uma voz desaparecida ou questionar uma construção histórica preponderante. Nesse sentido, considerando o contexto de escrita do romance e as aproximações feitas entre os colonos de diversas origens realizadas pelo narrador, poderíamos identificar uma tentativa de Camus em estabelecer uma memória que lhe parecia ignorada no momento da guerra de independência. Apesar de ser um texto literário, evidentemente, o autor possui um ponto de vista sobre a história e parte de um lugar, possui “suas fontes”, poderíamos ousar dizer: “Camus não pode se valer dos arquivos oficiais. Serve-se, então da pesquisa historiográfica de Bandicorn e, sobretudo, do trabalho memorialístico, constituído a partir do testemunho de um antigo colono francês no país africano, Eugène François, apresentado por Rasteil” (LAMEIRINHA, 2013: 146).

O uso da memória como fonte é feito pelo protagonista do romance, no entanto, acesso à memória não será feito sem dificuldades, já que ao falar em memória é inevitável a menção ao esquecimento. Principalmente, se falamos de memória sofrida, que é o caso da família Cormery que experimenta a pobreza, a situação do imigrante e do colono, a ignorância, a orfandade e a guerra. Prins, no mesmo artigo citado acima, ressalta a impossibilidade de reconstituir a memória em certos casos:

---

<sup>29</sup> « - Papa? Elle le regardait et devenait attentive  
- Oui  
- Il s'appellait Henri et puis quoi?  
- Je ne sais pas.  
- Il n'avait pas d'autres noms ?  
- Je crois, mais je souviens pas ». (p.62)

Há alguns tipos de memória que podem ser para sempre irrecuperáveis, devido à maneira de sua perda. Tal foi o caso concluído pelo escritor italiano Primo Levi, um dos sobreviventes de Auschwitz, em relação ao Holocausto. [...] Talvez para eles o passado não pudesse ser reinventado nem comunicado. Era literalmente inenarrável (PRINS, 2011: 183).

Sem ter qualquer pretensão de fazer aqui uma comparação entre as experiências de sofrimento, apontamos apenas para a presença preponderante do esquecimento em determinadas situações. E, de todo modo, sua presença sempre, mesmo que em doses mínimas, já que para que haja a seleção da memória é preciso que alguma coisa seja esquecida. O esquecimento será identificado como uma característica constitutiva da região em que vive a família de Jacques e do povo que ali habita. Como demonstra a personagem do fazendeiro ao afirmar para Cormery: *“Já que o senhor é da região, sabe como são as coisas. Aqui as pessoas não preservam nada. Põem abaixo e reconstroem. Pensam no futuro e esquecem o resto”*.<sup>30</sup> (CAMUS, 1994).

O trecho justifica a dificuldade de Jacques em descobrir algum dado de seu pai, visto que nada está preservado. Esse argumento que explicaria o insucesso de Cormery pode ser o mesmo usado para compreender a necessidade do autor em escrever sobre esse povo, os franceses da Argélia, mesmo que as fontes sejam escassas, e a memória não muito rica.

Assim, a memória e as fontes orais contribuem para registrar as experiências de um grupo que nos textos sobre a colonização não é visto frequentemente como vítima. O discurso literário permite, nesse sentido, o conhecimento de uma narrativa que não poderia ser legitimada enquanto discurso histórico.

E mesmo na *“terra do esquecimento”*, vislumbra-se na narrativa a ideia de pertencimento a um povo, que é valorizado em meio à pobreza e às mudanças constantes. A união dos indivíduos que formam esse grupo dá-se pelo simples fato de compartilharem um território, já que não há a construção história de passado comum, de uma memória coletiva. É pela terra que se dá a continuidade dessa comunidade.

Multidões inteiras vinham ali [terra onde nascera a personagem] havia mais de um século, tinham trabalhado, cavado sulcos, cada vez mais profundos em certos lugares, em outros cada vez mais ondulados, até uma terra leve cobri-los e o lugar voltar então à vegetação selvagem, e essas pessoas tinham procriado e depois desaparecido. Assim como seus filhos. E os filhos e netos dessas pessoas tinham-se encontrado nessa terra como ele próprio tinha se encontrado, sem passado, sem moral, sem missão, sem religião, mas feliz por estarem ali e por estarem ali sob a luz, angustiados diante da noite e da morte<sup>31</sup> (CAMUS, 1994: 172).

<sup>30</sup> « Puisque vous êtes du pays, vous savez ce que c’est. Ici, on ne garde rien. On abat et on reconstruit. On pense à l’avenir et on oublie le reste ». (CAMUS, 1994 :166)

<sup>31</sup> « Des foules entières étaient venues ici depuis plus d’un siècle, avaient labouré, creusé des sillons, de plus en plus profonds en certains endroits, en certains d’autres de plus en plus tremblés jusqu’à ce qu’une terre légère les recouvrent et la région retournait alors aux végétations sauvages et ils avaient procréé puis disparu. Et ainsi de leurs fils. Et le fils et le petit-fils de ceux-ci s’étaient trouvés sur cette

E Cormery sente-se compelido a falar dessa comunidade a qual pertenceu seu pai, pois ele mesmo percebe-se fruto dela, mesmo que tenha fugido desse país, desse anonimato “histórico” em que vive o grupo. Talvez, a culpa o tenha motivado à busca, pois era preciso olhar para a pobreza, a orfandade, a ignorância a que eram relegados. E isso é feito a partir de uma escrita cheia de lirismo e imagens, como no trecho abaixo:

E ele [Cormery] que quisera escapar do país sem nome, da multidão e da família sem nome, mas em quem algo nunca havia deixado de reivindicar obstinadamente a obscuridade e o anonimato, ele também fazia parte da tribo, caminhando cegamente na noite, caminhando cegamente na noite ao lado do velho doutor que ofegava à sua direita, escutando as lufadas de música que vinham da praça, revendo o rosto duro e impenetrável dos árabes em torno dos quiosques, o riso e a figura voluntariosa de Veillard [o fazendeiro], revendo também com uma doçura e um pesar que lhe partiam o coração o rosto agonizante de sua mãe no dia da explosão, caminhando na noite dos anos nessa terra de esquecimento onde cada um era o primeiro homem”<sup>32</sup> (CAMUS, 1994:174).

Jacques Cormery, através da busca empreendida em direção a um passado misterioso e talvez perdido descobre a si mesmo a partir das histórias rememoradas por outrem e por si mesmo, em uma terra onde não se constrói raízes, mas que ele reconhece como sua.

Dessa forma, a raridade de traços de um tempo passado (início do século XX) faz com que Jacques busque outro objeto: sua própria história da infância e da juventude. A continuação da narrativa que gira em torno do protagonista é de certa forma, uma resposta às palavras do fazendeiro do capítulo sete que afirmavam ser costume a não preservação. Assim, a segunda parte do romance tem início com o desejo de preservar traços e rememorar sua história pessoal de modo a referenciar igualmente a história de um grupo.

Soma-se a isso o dever de fazer justiça ao pai, morto em uma guerra na qual lutava pelo país que o colonizara, vindo de uma região sofrida e cujo luto não fora devidamente prestado – “O dever de memória é frequentemente uma reivindicação feita pelas vítimas de uma história criminal; sua justificação última é esse chamado à justiça que devemos às vítimas” [trad. Livre] (Ricoeur, Conférence Budapest, 2003). Assim, o dever de lembrar-se contribui para o desenrolar da ação da personagem principal.

A memória individual surge, dessa maneira, como uma possibilidade de superar o

---

terre comme lui-même s’y était trouvé, sans passé, sans morale, sans leçon, sans religion mais heureux de l’être et de l’être dans la lumière, angoissés devant la nuit et la mort ». (CAMUS, 1994 :178)

<sup>32</sup> « Et lui qui avait voulu échapper au pays sans nom, à la foule et à une famille sans nom, mais en qui quelqu’un obstinément n’avait cessé de réclamer l’obscurité et l’anonymat, il faisait partie aussi de la tribu, marchant aveuglément dans la nuit près du vieux docteur qui soufflait à sa droite, écoutant les bouffées de musique qui venaient de la place, revoyant le visage dur et impénétrable des Arabes autour des kiosques, le rire et la figure volontaire de Veillard, revoyant aussi avec une douceur et un chagrin qui lui tordaient le coeur le visage d’agonisante de sa mère lors de l’explosion, cheminant dans la nuit des années sur la terre de l’oubli où chacun était le premier homme ». (CAMUS, 1994 :180).

esquecimento e registrar uma história que seria a princípio oral e que possivelmente não deixaria marcas em um período futuro. As lembranças da infância possibilitam entrever a memória de uma coletividade, evidenciando que a consciência de si não se dá fora de um grupo, a memória individual e a coletiva estão intensamente ligadas como quis mostrar Ricoeur em *História, Memória, Esquecimento* (2000) – “(...) é preciso dizer que é a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma” (RICOEUR, 2007:130).

### **Considerações finais**

O romance *Le Premier Homme* expõe uma memória coletiva escondida, que não fora conhecida na metrópole. E é, principalmente, a partir de fontes orais e de uma memória pessoal e familiar que a narrativa pode ser construída. O fato de o escritor Albert Camus estar em meio a uma polêmica em relação à Guerra da Argélia, ou Revolução argelina, possivelmente, reforça a ideia de afirmação de identidade, mesmo que isso signifique a afirmação da falta, especialmente a falta de raízes e de laços. Poderíamos dizer, dessa maneira, que o romance tece uma história do meio, pois está entre a França e a Argélia, entre árabes, berberes e franceses, entre a escrita e a fala, entre o falar e o silenciar, entre a memória e o esquecimento.

Assim, ele pode ser considerado uma contribuição para o conhecimento da história de uma determinada comunidade argelina a partir da memória construída na ficção – a dos descendentes de franceses pobres que ali cresceram. E pode ser percebido dessa forma se considerarmos as mudanças identificadas no domínio da historiografia, como o diferente olhar sobre o objeto, a nova maneira de escrever a história, a descentralização da história política e surgimento de vários outros ramos como a história quantitativa, a história das mentalidades, a história econômica, entre outras, responsáveis por uma aproximação importante entre a realidade e o imaginário. Por isso, os textos literários têm, hoje, grande interesse pela história da mesma forma que os historiadores interessam-se pelo registro de ficção em seus estudos.

As duas concepções de tempo contrastadas e analisadas são exploradas no romance e mostram a diferença de pontos de vista frente à história e ao tempo. No romance, tal oposição serve de explicação para o choque sentido por Jacques diante do túmulo de seu pai, mas ela pode ser também esclarecedora para a reflexão sobre a história da Argélia principalmente durante o período da guerra de independência.

A aceitação de Jacques como “primeiro homem” de sua história, seguindo dessa maneira lógica temporal apresentada pelas personagens “autóctones” com quem se encontra no capítulo sete, aponta ora para a superioridade do poder político. Este opera até mesmo sobre a maneira de pensar o tempo e a história e ora para uma diferença entre metrópole e colônia que

deve ser respeitada. Jacques encontra uma alternativa ao “império” do presente experimentado em sua terra natal: o registro de sua memória pessoal, microcosmo da história de seu grupo.

E assim traça essa outra via que só seria mesmo possível na Literatura, já que nesse âmbito as fontes não são importantes e não há compromisso com a distância do falso. Existe espaço para a ironia e para o lirismo, muito presentes nesta obra, contrastando com o sofrimento marcado na narrativa. Sendo assim, consideramos que o romance póstumo de Albert Camus pode contribuir de forma significativa para o conhecimento da história da Argélia, mas trata-se evidentemente de uma obra de arte, de literatura, visto que a linguagem diz sem dizer e dizendo constrói, ao mesmo tempo, vários outros sentidos.

### Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **O conceito de História: antigo e moderno.** In.: *Entre o Passado e o Futuro*, SP: Perspectiva, 2005. p. 69-126.

CAMUS, Albert. *Le Premier Homme*. Gallimard. Paris, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Primeiro Homem.** Tradução: Teresa B. C. da Fonseca e Maria Luiza N. Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

DE CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise. Entre a ciência e a ficção.** Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2012.

GAY-CROSIER, R., SPIQUEL-COURDILLE, A. *Cahier de l'Herne: Albert Camus.* Éditions de L'Herne. Paris, 2013.

LAMEIRINHA, Cristianne A. B. *Língua, exílio e memória: uma leitura comparativa de Le Premier Homme, de Albert Camus e La disparition de la langue française, de Assia Djebar.* [Tese (Doutorado)]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. São Paulo, 2013. 199f.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História.** Lisboa: Editorial Presença, 1952.

PRINS, Gwyn. **História oral.** In : BURKE, Peter (org). *A escrita da história. Novas perspectivas.* Editora Unesp, 2011.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit. Tome I : L'intrigue et le récit historique.* Paris : Éditions du Seuil, 1983.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad: Alain François [et al.]. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007.

### Abstract

At the end of the fifties, when Algeria's independence conflict broke out and many French intellectuals were supporters of the nationalist cause, Albert Camus was at a marginal position inside the French scenario and was writing the manuscript of what would become the novel *Le*

Premier Homme. The narrative draws the path of a Franco-Algerian on a search for traces of the past of his father, who had died in World War I while fighting for France. The text, which was published in 1994 by Camus' daughter, Catherine, recalls the history of colonial Algeria and of the French who arrived there by the end of XIX century, from the perspective of the memories of a community that lived in poverty and anonymity. This article briefly analyses the novel in view of the different perceptions of time for understanding history, the relationship between history and fiction, and the importance of memory as historical source and builder of identity.

**Keywords:** memory, fiction, Albert Camus